

Uso da tecnologia na educação: a quem queremos enganar? (parte II)



Demerval Guillarducci Bruzzi
Ex-diretor do Ministério da Educação. Formado em Economia, graduando em Psicologia, mestre em Educação e em Gestão e Criação de Objetos de Aprendizagem e doutorando em Educação

Terminei meu último ensaio, publicado na edição de dezembro de 2015, com o seguinte parágrafo:

O saber fazer resulta da construção ou da articulação de um conhecimento que opera em rede, produto de uma espiral recursiva que articula diferentes saberes. Afinal, como bem propõe Maria Cândida Moraes, em *Complexidade e transdisciplinaridade em educação*, vivemos um momento de mutação na relação sujeito-objeto. Assim, quando as amarras do tradicionalismo pedagógico forem vencidas, abriremos espaço para a criação e construção de um novo modelo de educação.

E creio ser este o grande problema atual. Entre a tecnologia e o ensino tradicional temos um enorme abismo que, a cada dia, não só aumenta, mas avança contra toda e qualquer forma de educação que não preveja as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) como ponte salvadora deste enorme *canyon*. Ocorre que, na prática, nem tudo é como aparece nas redes sociais, onde os ditos “educadores tecnológicos” apresentam suas façanhas imediatas e sem comprovação mínima de escalabilidade, funcionalidade e, principalmente, de melhora do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) com suas teorias e projetos inovadores.

Nesse sentido, impossível não citar Gregory Bateson (1904-1980) com sua contribuição a respeito dos três níveis de educação. Para este ensaio, apresentarei apenas o nível mais baixo, no qual temos a transferência de





©BahrainProduction/istockphoto

informação a ser memorizada. O processo de memorização hoje foi facilmente substituído pelos pen drives, HDs externos, *cloud* etc. Muitos dos pseudoeducadores a que me refiro, espalhados pelas redes sociais, podem acreditar que esse é o futuro, mas, ao mesmo tempo que apresento a troca de um “nível” educacional por *devices*, a tabela periódica adquire mais quatro elementos. Assim me pergunto: como nossos jovens vão lidar com isso nos seus testes, por exemplo, o semienterrado vestibular ou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)? O propósito da educação era, e deveria continuar sendo, o preparo destes jovens para a vida segundo as realidades que devem enfrentar, aqui incluídas todas as novidades e tecnologias atuais e passadas, pois devemos recordar que vivemos em um país de terceiro mundo (por mais ofensivo que isso possa nos parecer, é a nossa triste realidade).

Vivemos indiscutivelmente uma crise – como bem coloca Maria Cândida Moraes, em *Transdisciplinaridade, criatividade e educação*, crises de múltiplas faces –, provocada por um dinamismo técnico, científico e econômico, pelo triunfo da tecnologia e da ciência em detrimento do lado humano da humanidade e das relações entre os mais diversos elementos que nos possibilitaram a prática, em que o fazer abria espaço para o aprender. Para vencer, nossos jovens precisam, acima de tudo, de conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável, o que só é possível com uma educação que seja, ao mesmo tempo, técnica sem perder o tônus acadêmico necessário aos processos de seleção atualmente utilizados. Uma educação de tempo integral, de natureza complexa e transdisciplinar, que nos leve a uma prática pedagógica correspondente à realidade do aprendente e suas emergências, é o que defende Maria Cândida em sua obra.

Tal educação “prática” pode ser comparada ao processo de condução de um veículo. Ao mesmo tempo que prestamos atenção ao passado pelo espelho retrovisor (aqui considero passado as tradicionais disciplinas e suas também tradicionais metodologias), estamos também focados no futuro, olhando para frente, evitando a colisão com as teorias de moda vazias e sem comprovação científica de sua aplicabilidade em nosso sistema educacional.

São elas as responsáveis pela atual oclusão mental que os pseudoeducadores embutem na mente de uma comunidade educacional faminta de soluções e, portanto, alvo fácil daqueles que, sem nada de concreto a oferecer, trocam espelhos e miçangas por ouro e riquezas de nossas escolas, levando, assim, nossos alunos à utilização de determinados programas e plataformas, sem o real entendimento do processo necessário ao seu pleno desenvolvimento.



©baumanproduction/istockphoto

Tais “profissionais”, normalmente disfarçados de “consultores” ou ainda sob o manto de um “instituto” (que, na verdade, não passa de uma empresa de uma pessoa ou, no máximo, duas), têm posição contrária à de empresas que optaram pela seriedade ao oferecer qualidade com responsabilidade aos seus clientes pertencentes à comunidade educacional. Empresas que investiram em profissionais que oferecem muito mais do que uma “simples consultoria”, e sim uma solução completa, incluindo o suporte necessário ao sucesso da organização que empreende em busca de melhor qualidade aos seus alunos.

Mas devemos estar atentos à fala de Zygmunt Bauman quando acertadamente coloca, em sua obra *Sobre educação e juventude*, que nossa cultura baseada num insaciável apetite por novidade é a responsável por não termos uma verdadeira revolução cultural, uma vez que os poderes do atual sistema educacional estão limitados, justamente por o próprio sistema estar submetido ao jogo consumista, imputado à educação com o surgimento das TICs.

Nesse ponto, é importante colocar que, em hipótese alguma, sou contra a utilização das TICs em sala de aula, mas sim contrário a uma utilização sem possibilidade de replicabilidade e sem base científica de sua eficiência e eficácia no desenvolvimento da educação. O que não podemos aceitar é a máxima do mínimo aceitável, ou seja, aceitar que, por nossas escolas passarem tantos anos de privação, passem a aceitar “qualquer” solução como sendo uma saída, afinal, sabe-se que anos de privação nos fazem crer que a servidão é uma liberdade de escolha.

Esta nova geração da internet já entendeu que o segredo está na mobilidade, e não no conteúdo (como ainda pregam alguns dos oportunistas da rede), pois o conteúdo pouco mudou. Empresas sérias sabem disso e conseguem trabalhar este conteúdo de forma mais atrativa para os alunos, explorando o potencial de seus portais educacionais e suas possibilidades de simulações. Dessa forma, comprovam minha teoria de que o importante ainda é uma boa formação do professor em sua área de atuação, para que o mesmo possa se beneficiar das possibilidades infinitas das TICs como ferramenta de contextualização do conteúdo a ser apresentado dentro da realidade de cada um dos alunos presentes.

Somente assim, com professores bem-preparados e instituições que oferecem soluções tecnológicas educacionais de qualidade, atenderemos o individual dentro do coletivo, a unidade dentro da diversidade, proporcionando aos nossos alunos uma educação do século XXI. ■